

BOLETIM

Maio 2019



Emprego pra quem?

Taxa de desemprego sobe no 1º trimestre, com desalento e subutilização recorde. **Pág 3**

Ministério do Trabalho e Emprego



CARTEIRA DE TRABALHO
E
PREVIDÊNCIA SOCIAL



“ PALAVRA DO PRESIDENTE

O debate sobre a reforma da previdência tomou conta do país e isso é muito importante, porque além de atingir todos os trabalhadores e trabalhadoras, também repercute na vida dos nossos filhos e netos.

O Governo Bolsonaro está fazendo campanha pela aprovação do projeto entregue à Câmara dos Deputados em 20/02/2019, sob o argumento de que o déficit da previdência impede que o Brasil receba investimentos e inibe a melhor utilização dos impostos arrecadados na saúde e educação, principalmente. O Governo ainda “garante” que a aprovação da reforma trará economia de mais 1,2 trilhão de reais aos cofres públicos, permitirá a geração de milhões de empregos e que aumentará a renda dos brasileiros.

Diante de tais argumentos, quem seria contrário à reforma da previdência?

Mas nesse 1º de maio de 2019, no qual o Brasil atingiu o recorde de 13,4 milhões de desempregados, além de 4,8 milhões de desalentados (que desistiram de procurar emprego por não conseguirem se recolocar no mercado), somos obrigados a lembrar que esses mesmos argumentos foram usados para aprovar a Reforma Trabalhista, vigente de novembro de 2017, que até agora não gerou empregos e ainda reduziu a renda dos trabalhadores e trabalhadoras.

É razoável exigir um mínimo de fundamentação para que possamos nos posicionar diante da situação; contudo, o Governo impôs sigilo aos estudos e relatórios que deram base ao projeto, liberando-os apenas após a aprovação na Comissão de Constituição e Justiça na Câmara. E aí vem outra pergunta: pra quê o sigilo se a reforma é “boa” para o país?

A verdade é que essa proposta não trata a “doença”, apenas os sintomas, deixando muitas questões importantes em aberto, como a cobrança de grandes devedores e a fiscalização dos inadimplentes.

Ainda, a proposta prevê a desconstitucionalização da previdência, que permitirá alterações “mais fáceis” no futuro - com há alternância de poder no país, amanhã podemos ter outro modelo de governo, e a facilidade de alterações poderá se tornar um problema muito grande, pois permitirá alterações sem debate com a sociedade.

Vamos debater até onde for possível as propostas de reforma da previdência, mas se o congresso insistir em tentar aprovar um projeto prejudicial aos trabalhadores e trabalhadoras, o embate mais forte será necessário, até mesmo a greve geral em defesa da aposentadoria.

Foto: Reprodução/SEAAC

SEAAC NEWS

Jornalista responsável:

Loyce Policastro

Redatora:

Luisa Volpe

Diagramação e design:

Wesley Franco

SEAAC News é uma publicação da

 **netshare**
marketing criativo

www.netshare.com.br F.: (14) 3245 5504 / 3241 2963

Lázaro Eugênio

Presidente SEAAC Bauru



seaacbauru

Filiação



FALE CONOSCO

www.seaacbauru.com.br
☎ (14) 99880 1515

Bauru - SEDE

Rua Batista de Carvalho,
12-43, Centro CEP 17013-011
F.: (14) 3227 4848

Botucatu - SUBSEDE

Rua Amando de Barros,
1745, Centro CEP 18602-150
F.: (14) 99880 1515

Jaú - SUBSEDE

Rua Tenente Lopes, 738,
Centro SALA 1 CEP 17201-460
F.: (14) 3418 7710

Ourinhos - SUBSEDE

Rua Arlindo Luz, 738,
Centro SALA 1 CEP 19900-010
F.: (14) 99880 1515

QUADRO DE DESEMPREGO NO BRASIL CONTINUA GRAVISSIMO

Cerca de 12,7% da população está desempregada; taxas de desalento e subutilização batem recorde no 1º trimestre, segundo IBGE



Fonte: Portal G1 e Rede Brasil Atual.

O desemprego no Brasil atingiu um novo recorde desde maio do ano passado: cerca de 13,4 milhões de brasileiros estão sem emprego, além das taxas de desalentados e de subutilização, em um cenário de fragilidade do crescimento econômico.

Os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) foram lançados no último dia de abril e são bem claros: 12,7% dos brasileiros estão sofrendo com o desemprego - o que reforça a perda de dinamismo e recuperação mais lenta da economia neste 1º trimestre.

Mas não para por aí: segundo o mesmo instituto, o número de pessoas desalentadas - aquelas que desistiram de procurar emprego - também subiu e atinge a marca de 4,8 milhões, mantendo o recorde de 4,4% da série histórica da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) Contínua, iniciada em 2012.

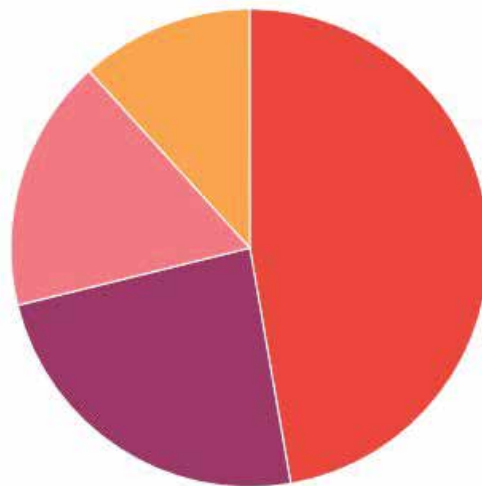
25% da força de trabalho subutilizada

A taxa de subutilização - que soma os números de desempregados, subocupados (que trabalham menos de 40 horas semanais), desalentados e os que poderiam estar ocupados, mas não estão por motivos diversos - atingiu número recorde de 28,3 milhões, com alta de 5,6% (1,5 milhão de pessoas) em relação ao trimestre anterior e de 3% (mais de 819 mil pessoas) na comparação anual.

A subutilização foi puxada pela desocupação e pela força de trabalho potencial. O percentual de pessoas desalentadas subiu 3,9% (180 mil pessoas a mais) em relação ao trimestre anterior. Já os dados de pessoas subocupadas se manteve fixo em 6,8 milhões.

Subutilização recorde no país

em número de brasileiros



● Desempregados: 13.387 ● Subocupados (que trabalham menos de 40 h por semana): 6.768 ● Desalentadas: 4.843
● Fora da força de trabalho potencial: 3.326

Fonte: IBGE

A coordenadora de pesquisas do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Patrícia Pelatieri comenta que "é muito preocupante olhar esse quadro, principalmente ao verificarmos o perfil dos desalentados, dos sub-ocupados e desempregados. São, em sua maioria, mulheres jovens entre 18 e 24 anos. Trabalhadores de ocupações elementares, com baixa escolaridade. Estamos falando de um empobrecimento da classe trabalhadora muito significativo", alerta Pelatieri.

Queda no número de empregados

Os dados do IBGE apontam uma diminuição tanto no emprego formal quanto no informal. Somando os trabalhadores dos setores público e privado, houve uma redução de 771 mil no trimestre.

O número de empregados com carteira assinada caiu 0,1%, reunindo 32,9 milhões de pessoas. Já o número de empregados sem carteira assinada (11,1 milhões) caiu -3,2% (menos de 365 mil pessoas).

Corte de vagas no setor público

As maiores quedas no número de empregados foram na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais, com menos 332 mil pessoas. Logo após, vem os setores de construção (perda de 228 mil pessoas), comércio (menos 195 mil pessoas), serviços domésticos (perda de 112 mil pessoas) e indústria (menos 110 mil pessoas).

Segundo o professor de economia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Rubens Sawaya, medidas adotadas pelo governo, como cortes no orçamento, colaboram para o agravamento do desemprego. Para combater a crise, o Estado deveria ampliar gastos para estimular a demanda, aquecendo a economia.